

9. A valorização da criança na educação: métodos, infância e indisciplina

*Clawdemy Feitosa e Silva
Emanuelle Santos Feitosa
Isabela Abreu Cassiano
Karla Maria Soares Cotrim*

“Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (Freire, 2000)

Introdução

O educador e filósofo Paulo Freire chama atenção para o que diz respeito ao caráter intuitivo do saber e atizar pedagógico. Referente à sociedade, pode se questionar o papel da escola perante a mesma, sendo de extrema importância que a criança sinta-se sujeito do processo educacional.

Desse modo, existe a necessidade de eleger produções pedagógicas que busquem reconhecer as diferentes infâncias dentro de uma instituição de ensino. Freire criticou a metodologia de educação bancária, que consta em um “ato de depositar, onde os educandos são os depositários e o educador, o depositante”.

Partindo desse pensamento, a criança, ao ser visualizada como um indivíduo de valor e dentro do seu processo de aprendizagem, espera que o professor seja mais que um meio que a proporcione o conhecimento. Além de ensinar, cabe ao professor, principalmente nos anos iniciais, incentivar a criança por meio do sentimento de carinho e afeto.

É por meio desta linha de pensamentos que houve a necessidade de trabalhar o artigo em questão. Através de uma metodologia qualitativa, contando com experiências vivenciadas durante o período de estágio, acreditamos que, para o desenvolvimento na infância, tanto afetivo, quanto social e também do próprio conhecimento científico, é de extrema importância estabelecer uma relação de confiança entre o professor e o aluno, e que há a necessidade do professor, como um canal para o aprendizado dessa criança, buscar reconhecer a infância em suas práticas pedagógicas, facilitando o sentimento de segurança e aptidão para aprender. Em

um primeiro momento, foi possível visualizar a preocupação dos professores em construir essas relações, vínculos e interações com essas crianças. Estes professores desenvolviam atividades e didáticas que favoreciam as relações afetivas entre as crianças, sempre com o objeto da aprendizagem, onde elas eram motivadas a aprender e se sentirem participantes.

De acordo com Vigotski (Stadler *et al*, 2018), em sua teoria socioconstrutivista, toda vez que acontece um tipo de troca, ou seja, uma relação existente na aprendizagem, “homem não é um ser passivo, visto que é um ser que, ao criar cultura, cria a si mesmo”.

Por entender que os estudos da disciplina de História Social da Criança, assim como os da disciplina da Infância contribuem para o processo formativo dos professores, conseqüentemente para seu fazer pedagógico, tem-se como objetivo apresentar as propostas relacionadas à valorização da criança em seu universo acadêmico.

Seria a criança um indivíduo completamente passivo? Qual a importância de trazer a infância para dentro de sala de aula? Ao ser visualizada como um indivíduo de valor, há a colaboração para ajudar o aluno com as matérias lecionadas? Oliveira (1993), Rustoyburu (2012), Neto e Carvalho (2022) e Morin (2016) procuram responder ao seguinte problema: “Como a infância se desenvolve dentro de uma sala de aula?”.

Trajetória histórica da infância

Durante a Idade Média, nos séculos V e XV, a infância não era pertinente, por causa de uma ausência de noção da particularidade do infantil com aquilo que distingue essencialmente uma criança de um adulto. Com a chegada do século XII, a infância não era mais que uma passagem, ou seja, tinha aspecto pequeno e frágil, com risco de morte incorporado à vista dos adultos.

No final do século XVI, a afeição em relação às crianças nasceu com as amas e mães de classe alta, estendendo-se até o final do século XVII, quando despertou a ideia de que a criança deveria ser educada e encaixada no exemplo do homem racional, com todos os conhecimentos existentes.

Nascendo assim a “escolarização da civilidade” que permitia disciplinar por meio da coerção exercida ao corpo e a imposição de normas da socialização e controle de seu tempo. Acreditava-se que a família deveria educar e a disciplinarização seria transmitida pela escola, como uma forma de transmutação entre “a casa” e o “colégio”.

Durante o Renascimento, a mudança da vida rural para a vida urbana, gerou a busca da família como lugar de recolhimento e refúgio. O movimento de recolher e proteger o indivíduo

para a célula familiar, foi separando-se do espaço público gradativamente, e as crianças foram cada vez mais tuteladas pela figura do pai de família. A valorização da criança está intrinsecamente associada às modificações no tecido social de forma geral.

Antes da revolução francesa, a criança era um ente público que pertencia aos seus pais, continuando a família e repassando seus conhecimentos. Na década de 1808, a chegada da família real portuguesa ao Brasil colonial trouxe um marco para mudanças na organização social, especialmente sobre a saúde e a educação das crianças. Ao longo do século XIX, apareceram os primeiros estudos e teses locais sobre o aleitamento materno e outras nuances do desenvolvimento infantil.

Segundo Rustoyburu (2012), durante o século XIX, as mulheres foram caracterizadas pela paixão e a emoção e os homens foram para a razão, sendo as mulheres entendidas como mais vulneráveis ao efeito do meio ambiente. Existia uma diferenciação entre os sexos que era razão suficiente para controlar o processo de desenvolvimento até a puberdade.

A criação e a educação das mulheres concentravam-se no desenvolvimento das suas qualidades maternais e afetivas, a formação intelectual, sendo destinada aos rapazes, era tida como um perigo para a construção da feminilidade. A possibilidade de viver a infância nem sempre existiu, sendo pela exclusão social ou pela exploração do trabalho infantil.

Noções simplificadas e idealizadas na infância, família e comunidade, justificaram ações que poderiam prejudicar a infância. Hoje, este tema ganha cada vez mais destaque internacional, expandindo e melhorando o esmero e a educação da primeira infância, priorizando as mais vulneráveis e desfavorecidas.

Compreender a evolução do período da infância, os efeitos da família e do mundo escolar e as possibilidades de desenvolvimento sobre o indivíduo, nos permite aprimorar as formas de ensino que geram o conhecimento para além da educação formal, sempre em conjunto com a família e a sociedade.

Com diversas teorias e tendências educacionais, a Escola possui a oportunidade de auxiliar no desenvolvimento da criança. Conforme Fernandes e Kuhlmann Júnior (2004, p. 28), podemos conceber que “A infância seria um conceito, uma representação, um tipo ideal a caracterizar elementos comuns a diferentes crianças”, e este conceito deve estar presente na aplicação de metodologias educacionais.

Indisciplina e a criança em sala de aula

A indisciplina virou objeto de estudo por volta dos anos 2000, figurando a má conduta dos alunos como o aspecto dominante nas reclamações dos professores. O comportamento dos alunos é visto como um dos principais motivos de abandono de carreira entre os docentes nas escolas.

Para os alunos, as “conversas”, a “confusão”, as “brincadeiras” e as “piadas” sem graça são a indisciplina em sala de aula. Para os professores, são atitudes que impedem a aula de continuar sem interrupção.

Neto e Carvalho (2022) dizem que os alunos veem como indisciplina os comportamentos de violência, em vista que as condutas divergiam da ordem e das regras escolares, embora não causando danos físicos, psicológicos ou morais aos sujeitos envolvidos, sendo o maior índice de indisciplina com docentes do sexo feminino em cargos de professora ou substituta.

Os docentes concedem benefícios aos que têm bom rendimento escolar. Aos indisciplinados, punições mais pesadas e severas. Apesar das queixas, os professores não expressaram dificuldade para manter a ordem na sala de aula devido ao comportamento dos alunos ou desejo de uma classe mais comportada.

A indisciplina de alunos e alunas não é generalizada. Conversas, brincadeiras e passeios em sala são comuns, mas os professores buscam a obediência dos alunos para um bom funcionamento da sala de aula. Sentar-se em completo silêncio até o intervalo e retornar às aulas, sem agir de acordo com a idade ou serão repreendidos.

Devendo sempre manter-se quietas e adaptáveis, como uma massa de modelar. Mesmo na hora do intervalo, as crianças devem brincar num espaço pequeno e montado em grupos. Caso saiam do local para outro grupo de colegas, será levada de volta ao primeiro, e saindo novamente, a criança ficará de castigo durante o interlúdio sem adornar. Ser criança, é ser indisciplinado.

Nos anos iniciais, a criança, por muitas vezes espera que o professor seja mais que um indivíduo que a proporcione conhecimento. Seguindo essa linha de raciocínio é importante ressaltar que há a necessidade de enfatizar a relação professor-aluno. Segundo Silva (1999), “A situação pedagógica requer a relação entre pelo menos dois sujeitos, o professor e o aluno, que desempenham diferentes papéis, estejam ou não suas ações reciprocamente orientadas”

O professor orienta seus alunos, demonstrando interesse e incentivando a criatividade e autonomia.. Por meio deste processo, o aluno demonstra que há uma correspondência referente

a essa relação, passando a satisfazer suas necessidades escolares, como a busca pelo aprendizado, correspondendo de maneira consciente a essas informações.

Adestramento da criança com o ensino infantil

O reconhecimento da criança como um sujeito de direitos é uma conquista que veio através de movimentos sociais e as lutas travadas, no que diz respeito à democratização da sociedade brasileira, baseando-se na necessidade da construção da cidadania para todos os indivíduos. Dessa forma, pode-se perceber que a infância é o período da vida no qual o indivíduo começa a pensar, sentir, agir e se relacionar com todo o contexto social no qual o mesmo está inserido.

A infância é visualizada como a fase da vida na qual se iniciam os procedimentos de descoberta e aprendizado. Uma das primeiras portas de interações da criança com o mundo se dá por meio da escola, é na escola o local onde essa criança irá passar por diversos processos de aprendizagens, sociais e culturais. (Snyders, 1999). De acordo com o Art. 227 da Constituição Federal do Brasil:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com a absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar comunitária (Brasil, 1988).

Desse modo, o direito à educação infantil passa a ser um dever do Estado e uma obrigação social com a própria criança. Por meio do processo da visualização da criança como um indivíduo de direitos, ocorre um rompimento no que diz respeito à limitação da criança como um indivíduo passivo, ao invés de ativo e capaz de si próprio.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (Brasil, 2010, p. 12).

A escola na nossa sociedade ocupa uma posição na qual é vista como uma espécie de “refletor”, de forma que esta, ao construir aquela, coloca nela expectativas para que se cumpra funções de educação, aprendizagem e conhecimento, gerando assim um indivíduo que passa a “refletir” a federação, que, gera um ideal e um ciclo constante. Toda essa sistematização acaba por padronizar diversos aspectos dentro do contexto escolar; a uniformização, professores e alunos ou até mesmo o ato de enfileirar. Todo esse sistema recria uma espécie de robotização

que começa desde a primeira infância. Brinquedos que robotizam as crianças necessitam apenas de um breve toque. Elas se tornam fascinadas, interagindo apenas com aquilo que é elétrico e fácil de se aplicar, e este limita a qualidade exploratória da criança. Segundo Rau (2012, p. 16), “... a função social da escola não se restringe apenas a ensinar, mas é dela também a tarefa de sistematizar os conhecimentos construídos historicamente pelo homem e suas relações com o meio”. A escola se torna uma segunda família, que tem a necessidade de cumprir sua função social de ensinar e formar cidadãos para a sociedade.

O ato de educar se torna a necessidade de dialogar com o conhecimento de mundo trazido pelas crianças, suas perceptivas e suas bagagens culturais. Cabe ao educador conhecer e guiar essas singularidades infantis, considerando a faixa etária, a diversidade de hábitos, as culturas, as crenças, as etnias, dentre outros.

A partir disso, cabe ao professor da área da educação nos anos iniciais, que deve adotar uma prática pedagógica que vá além dos cuidados; um hábito feito de interações, que busque trazer em suas práticas educacionais a valorização de cada infância, e também do desenvolvimento e evolução de cada criança internamente no ambiente escolar.

Para Vigotski (1993), as funções do desenvolvimento da criança aparecem duas vezes, sendo eles: o primeiro no nível social, e o segundo no grau individual. O primeiro se dá com a relação entre pessoas nomeadas de interpsicológica, e depois, no interior da criança.

O contexto social na qual a mesma está inserida, considerando que o indivíduo se socializa com o seu local, e por meio da interação com o mesmo, e com isso, passa-se para o segundo processo, ou seja, a representação simbólica, que por meio dos conhecimentos adquiridos, irá transmitir aos outros em sua volta esses simbolismos, gerando assim, um ciclo.

o processo de aprendizagem deve ser olhado por uma ótica prospectiva, ou seja, não se deve focalizar o que a criança aprendeu, mas sim o que ela está aprendendo. Em nossas práticas pedagógicas, sempre procuramos prever em que tal ou qual aprendizado poderá ser útil aquela criança, não somente no momento em que é ministrado, mas para além dele. (Fiocruz, 2004, p. 4).

Processo esse, que é de extrema importância, sendo a escola, o principal meio pelo qual o aluno encontra o conhecimento científico, é na cognição, o local onde irá encontrar indivíduos que irão colaborar na marcha de desenvolvimento aprendizagem. Com a presença de papéis importantes, como o do professor, que é considerado uma espécie de guia que vem fazendo mediações e intervenções. (Oliveira, 2010).

Como utilizar a infância nas práticas pedagógicas

O filósofo e teólogo Martin Buber apresenta a palavra “Eu” e “tu” como um modo de se relacionar com o outro, havendo a necessidade da totalidade e reciprocidade, dessa forma, o “tu” como um ato de direcionar-se a alguém. Relação essa com o homem, que demonstra que há a necessidade de uma ligação baseada na carência do ser com o seu semelhante. Durante o processo escolar, a criança passa por diversos períodos, sobretudo dentro da sala de aula, é importante ressaltar que ela está inserida em um meio histórico- cultural-social, aprendendo esses três aspectos. Desse modo, houve a necessidade de uma investigação voltada para as práticas educacionais que visavam contribuir de forma significativa para a complementação do artigo em questão.

A presente pesquisa foi realizada através de uma abordagem empírica qualitativa de caráter exploratório. Foram realizadas observações de participantes em sala de aula e entrevistas com profissionais de duas escolas públicas de Ensino Fundamental da cidade de Luziânia, localizadas em zonas de periferia urbana, com o objetivo de compreender as concepções sobre as relações entre professor e aluno.

Os participantes, com as pesquisadoras, assumiram um papel ativo importante no processo de construção das informações práticas, que contribuíram de modo significativo para a realização desta pesquisa, visando o reconhecimento da infância e da criança como um indivíduo de valor dentro da sala de aula e a influência na aprendizagem de crianças.

O método qualitativo é o modo de explorar e entender determinado significado que os pesquisadores atribuem aos objetos pesquisados, buscando desenvolver problemáticas baseadas na teoria, considerando a compreensão do participante. A pesquisa qualitativa encontra-se em diferentes tipos de abordagens sendo elas: por concepções filosóficas, por investigação, com métodos de coleta de análise dos dados.

Esses procedimentos qualitativos estão baseados em dados que possuem passos voltados para a análise interpretativa dentre outras metodologias investigativas, que possam vir a contribuir para o levantamento empírico sobre a infância dentro de sala de aula, o fazer pedagógico para com elas e sobre a forma como a criança se comporta em sala de aula.

Duas pesquisas de campo foram conduzidas ao longo deste artigo, ambientadas nas escolas CMEB — Rita Gonçalves de Farias com três professores da pré-escola 1 ao 3º e CMEB — Francisco Vieira Lins (Naldo) com quatro professores do 1º ano ao 3º ano, discutindo sobre a infância, métodos de disciplina, indisciplina, didática e afeto dentro de sala e como esses professores lidam com todos esses questionamentos com seus alunos.

No CMEB — Rita Gonçalves de Farias, a professora P, que tem vinte e sete anos de sala de aula, a professora (N) com nove anos de sala de aula e o professor (G) com três meses de sala de aula, concordaram que a infância, além de ser uma etapa importante da vida do ser humano, também gira em torno de brincar, experimentar, sendo um período crucial na vida do ser humano.

A professora (N) disse que a criança faz seu próprio ensino-aprendizagem e que o professor é o mediador entre ela e o conhecimento, assim como afirmam as duas primeiras leis da aprendizagem, segundo Morin (2016). O professor (G) diz que é uma fase em que a curiosidade da criança possa ser trabalhada, através de jogos e exploração da curiosidade.

Sobre interação com outros, observação e imitação do comportamento dos colegas, a professora (P) optou por não responder essa pergunta. Ao perguntarmos como utilizar essa infância em sala de aula, o professor (G) disse que precisa compreender os estágios de desenvolvimento da criança, havendo uma adaptação das estratégias de ensino.

No que concerne os métodos de avaliação e expectativas de acordo com as capacidades e interesses, junto dos aspectos sociais e individuais, a professora (N) defende que a criança precisa errar, retroceder, chorar para que possa evoluir em sala de aula, e a professora (P) procura reforçar e ensinar conceitos que serão necessários para sua vida.

Ao questionar sobre o método de alfabetização de repetição, popularmente conhecido como “papagaio” e sendo dito por Freire (1968) como “bancário”, as professoras (P) e (N) afirmaram conhecer e o professor (G) não está familiarizado com o termo. Ao indagarmos sobre a efetividade do método na alfabetização, a professora (P) confirmou sua possibilidade, mas o considera ultrapassado.

A professora (N) considera viável através da combinação de métodos. Apesar de não conhecer, o professor (R) expressou que existem diferentes métodos que podem e devem ser abordados. Havendo uma forma mais lúdica de utilizar esse método, o professor (G) disse que utiliza a memorização em jogos, músicas, rimas, histórias, narrações, quebra-cabeças.

Acerca de filmes, vídeos, dramatização, encenação, competição, desafios e projetos, a professora (N) utiliza músicas e poemas, enquanto a professora (P) utiliza jogos e brincadeiras.

Na pesquisa realizada no CMEB — Francisco Vieira Lins, quatro professores foram entrevistados: A professora (S), que possui quatro anos de sala de aula; a professora (B), com três meses de docência; o professor (F), que também possui três meses de atuação e o professor (M), com um ano e seis meses. As entrevistas também contaram com quatro perguntas a mais, diferentemente da primeira escola.

Ao serem perguntados sobre a sua visão de infância, a professora (S) disse que é o físico,

o emocional, brincar, ensinar e aprender, enquanto a professora (B) expressou que é do nascimento aos doze anos, quando a inocência se mantém. O professor (F) respondeu que é deixar a criança ter autonomia sendo direcionada, como cita Morin (2016) em sua segunda lei da educação e o professor (M) disse que é a fase que trabalha a aprendizagem.

Ao serem questionados sobre a importância da infância nas práticas educacionais, o professor (M) disse que é importante conhecer as fases da vida para trabalhar de acordo; o professor (F) expressou que as crianças são independentes, autônomas e trazem seus mundos para a escola; a professora (B) disse que é importante para o desenvolvimento da infância e da fantasia; a professora (S) informou que a afetividade de cuidado e desenvolvimentos devem ser trabalhadas em sala de aula.

Questionados sobre utilizar a infância dentro da sala de aula, a professora

(S) disse que utiliza a ludicidade através de brincadeiras; o professor (F) diz que sempre tenta trazer a realidade de Luziânia; o professor (M) traz brincadeiras, jogos e histórias. Ao indagarmos sobre o método de repetição, três professores disseram não o conhecer. A professora (S) o conhece como “bancário” por Freire (1968) e afirmou que a criança apenas repete, sem internalizar, precisando ser estimulada para pensar. Ao questionarmos sobre a indisciplina em sala de aula, o professor (M) disse que existe e que para detê-la, utiliza diferentes métodos de aprendizagem que envolvam o lúdico; Sobre como ocorre a didática, o professor (M) utiliza-se das artes, das brincadeiras e dos jogos, sempre visando a afetividade.

O professor (F) destaca que a falta de controle da sala de aula gera indisciplina e desrespeito, vindo de processo não somente sociais, mas também da falta de tempo com os pais e a combate com música, utilizando uma didática baseada na teoria histórico-cultural-social de Oliveira (1993) que conversa com as duas primeiras leis da educação de Morin (2016), defendendo que a afetividade deve sim ser usada em sala de aula.

A professora (B) compreende a indisciplina em sala de aula como os alunos precisando ter obediência, e que a criança agitada não é indisciplinada. Em sua didática, os acompanha em todas as atividades individualmente e considera que a afetividade é importante para o desenvolvimento. A professora (S) julga que a indisciplina vem da criança mesmo, sendo internalizada e que a contém com a afetividade, que faz a criança se sentir como uma criança e ser lembrada.

Todos os sete professores entrevistados afirmam que a infância, além de um período de idade, é um momento crucial na vida de um indivíduo e que deve ser trabalhada tanto dentro de sala quanto fora, utilizando diversos métodos de avaliação; a indisciplina pode ocorrer por diversos fatores, não somente da criança ou do meio em qual é inserida; deve-se utilizar de

diversas didáticas lúdicas e que a afetividade faz diferença para as crianças e ajuda em sua alfabetização; cada um é um ser diferente e precisa ser tratado com sua assimetria.

Das experiências em sala de aula

A segunda pesquisadora reconhece o papel da interação professor-aluno no exercício do aprendizado. O aluno se beneficia de uma aula didática, que o transforma em protagonista, ativo e participativo, onde ele contribui com o aprendizado coletivo, através dos saberes adquiridos em sua vivência pessoal. A disciplina deve ser construída e fundada no reconhecimento do outro e o respeito que desejamos coletivamente. Ao entender que o bom convívio vai além das paredes escolares, o aluno coopera com a vida escolar e social.

A terceira pesquisadora, inter-relacionando o que foi dito durante as entrevistas, percebeu que existe indisciplina em sala de aula, enquanto alguns entrevistados defendem que não subsiste esse fator. Muitas crianças acabam por perder o respeito pelo professor e isso causa afrontamento.

Enquanto, com o professor, que utiliza uma metodologia mais autoritária, há o medo de “sair da linha” quando ocorre interações aluno-aluno, levando o discente a sala da diretoria, exercendo seu controle da sala, porém, gera menos interesse estudantil e mais indisciplina em situações do qual o professor não exerce atividades educacionais.

Para a quarta pesquisadora, havendo afetividade com os alunos, além de uma sala de aula onde o respeito mútuo gera disciplina e cumplicidade, há também o interesse das crianças nas aulas e sua participação. Essa relação professor-aluno possibilita um maior impulso com as atividades ministradas pelo professor regente.

Considerações Finais

Quando citamos a infância, em primeiro momento, é de costume que lembramos logo da época em das brincadeiras, da diversão e até mesmo das badernas, ou seja, o despertar lúdico mais precisamente. A escola é a principal passagem, pela qual o aluno irá seguir, é a escola que tem uma função importante na sociedade. A educação dos indivíduos, do conhecimento e até mesmo das regras sociais.

É dentro da escola que o professor desempenha o papel de condutor, ou seja, ele se torna responsável por fazer e executar que os objetivos educacionais sejam alcançados. Durante o

processo de desenvolvimento e aprendizagem infantil, foi observado que grande parte do desenvolvimento social ocorre no ambiente escolar, ou seja, na sala de aula.

A criança, por muitas vezes foi retratada como algo sem valor para a sociedade, porém, atualmente com o decorrer dos anos, as questões voltadas para a criança têm sido mais discutidas gerando assim uma significativa mudança. Há a necessidade dessas discussões para que as crianças ganhem espaços no qual as mesmas possam vir a se sentir, indivíduos com valor.

No momento de construir projetos voltados para o ensino das crianças cabe aos professores realizarem essas mediações de forma mais efetiva. Apesar das mudanças que já ocorreram, nota-se que ainda no período atual, por muitas vezes, às instituições de ensino e a sociedade querem crianças robotizadas, passivas e que não saibam questionar.

Por isso, há a importância de reconhecer a criança como um indivíduo de valor, aceitar a criança como um todo. Pois, com esse reconhecimento e domínio do conhecimento as práticas pedagógicas dentro da sala de aula ganham mais sentido e eficácia. No ponto de vista de Vigotski a escola é a principal fonte do conhecimento científico na zona de desenvolvimento proximal.

Fazendo ligação entre o processo de desenvolvimento e a relação do ambiente sociocultural, é nessa atividade que a criança aprende com outras pessoas (Mello, 2004). Com estes conceitos em mente e com a realização da pesquisa, foi observado que, por muitas das vezes, o “natural” do ser criança é visualizado e confundido como indisciplina.

Há sim, crianças que possuem uma espécie de mau comportamento, porém, por muitas vezes a escola e a sociedade tentam “adestrar” essas crianças, gerando assim, a robotização dentro e fora da sala de aula. Robotização essa que pode ser resumida no ato de padronizar diversos aspectos em sala de aula, na uniformização.

Até mesmo quando o professor simplesmente “deposita” em seus alunos por achar mais viável, não os instigando a “pensar fora da caixa” criando assim, uma doutrina em sala de aula. Nas duas instituições de ensino onde as pesquisas foram realizadas, foi observado que, os professores em sua maioria, tentam trazer a infância para dentro da sala de aula.

Nas instituições públicas mencionadas é difícil tentar trazer as perspectivas, histórias e bagagens de cada criança, mas isso não impede que os professores tentem realizar de sua melhor forma. Foi observado a importância de retratar o aluno como alguém com notoriedade para o processo de ensino- aprendizagem.

Professores que retratam essa importância demonstraram melhores resultados, por muitas vezes, a afetividade é visualizada de maneira incorreta, quando se vê a criança como uma pessoa importante na sociedade, a valorização do outro, pode ser considerada a verdadeiro carinho em prática. Para uma sociedade mais colaborativa.

Havendo a necessidade de o aluno ser um aliado na busca pelo conhecimento, a escola não funciona sem o aluno e o aluno não opera sem o feito. O estudante não necessita apenas de absorver, mas sim, que ele ganhe um espaço para ser o protagonista da sua própria história, metodologias ativas que busquem a valorização do indivíduo atualmente são uma demanda social, a participação e o engajamento são fundamentais.

Referências

Corullon, Juliana. **O brincar, a comercialização da infância e a robotização da sociedade**. O mundo é uma escola. 2014. Disponível em:

<https://omundoeumaescola.wordpress.com/2014/05/12/o-brincar-e-os-personagens-hit-ou-a-comercializacao-da-infancia-e-a-robotizacao-da-sociedade/> Acesso: 15 de maio de 2023.

Cruz, Marlon Messias Santana. Freire, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo. Paz e Terra, 1996 (Coleção leitura), 166p. **Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade**, n. 13, 2008.

Silva, Maurício Roberto da. **Trama doce-amarga:(exploração do) trabalho infantil e cultura lúdica**. Hucitec, 2003.

Brasil, Senado Federal. **Constituição da república federativa do Brasil**. Brasília: Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

Brasil, Senado Federal. **Lei de diretrizes e bases da educação nacional**. 2005.

Fernandes, Rogério. Kuhlmann Júnior, Moysés. **Sobre a história da infância**. In: FARIA Filho, Luciano Mendes. (org.). A infância e sua educação – materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

Creche Fiocruz. **Projeto Político Pedagógico**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

Centro de Referências em Educação Integral. **Qual o papel dos professores e como estimular a participação dos estudantes?**. 2013. Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/metodologias/papel-dos-professores-e-participacao-d-os-estudantes-nas-escolas-de-educacao-integral/>. Acesso em: 02 de out. de 2023.

Gurski, Roselene. O lugar simbólico da criança no Brasil: uma infância roubada?. **Educ. Rev.** [online]. 2012, vol. 28, n.1, p.61-78. Disponível em: <http://educa.fcc.org.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/?IsisScript=iah/iah.xis&base=article%5Edlibrary&format=iso.pft&lang=p&nextAction=lnk&indexSearch=AU&exprSearch=GURSKI,+ROSELENE>. Acesso em: 29 set. 2023.

Morin, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. **Sustinere - Revista de Saúde e Educação**, v. 4, n. 1, p. 161-162, 2016.

Oliveira, Maria Eunice de; STOLTZ, Tania. Teatro na escola: considerações a partir de Vigotski. **Educar em revista**, n. 36, p. 77-93, 2010.

Oliveira, Marta Kohl de. **Vigotski: aprendizado e desenvolvimento-um processo sócio-histórico**. 1993. p. 111-111.

Penn, Helen. Primeira infância: a visão do Banco Mundial. **Cadernos de pesquisa**, p. 07-24, 2002.

Rau, Maria Cristina Trois Dorneles. **Educação Infantil**. Práticas pedagógicas de ensino e aprendizagem. Curitiba: Intersaberes, 2012

Rustoyburu, Cecília. Sexualidade, Saúde e Sociedade. **Sexualidade, Saúde e Sociedade-Revista Latino-Americana** , n. 11, p. 9-36, 2012.

Silva Neto, Cláudio Marques da; Carvalho, Marília Pinto de. Indisciplina na sala de aula e suas nuances de gênero. **Cadernos de Pesquisa**, v. 52, 2022.

Snyders, G. **Alegria na escola**. São Paulo: Manole, 1999.

Souza, Maria Ester do Prado. Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar. **Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná**, p. 1764-1768, 2009.

Stadler, G; Romanowski, J. P.; Lazarin, L; Ens, R. T.; Vasconcellos, S.
Proposta pedagógica interacionista. In: Camillo, Cíntia Morales; Medeiros, Liziany Müller.
Teorias da educação [recurso eletrônico] – Santa Maria, RS : UFSM, NTE, 2018. 1 e-book : il.
p. 97. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/18360/Curso_Lic-Ed-Camp_Teorias-Educ.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 2 out. 2023.